

LINGUASAGEM

PANDEMIA E FEIRA LIVRE: UMA ABORDAGEM SEMISSIMBÓLICA

Elaine Cristina de Queiroz SILVA¹
Sueli Maria Ramos da SILVA²

Resumo

A pandemia de COVID-19 trouxe mudanças para a cotidianidade da feira livre. Esta pesquisa busca demonstrar que a semiótica pode otimizar a compreensão dos efeitos da pandemia no universo da feira livre, utilizando-se de aspectos do enquadramento noticioso a partir de um *frame* ou imagem congelada do vídeo intitulado *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi - (0:07”)*, reportagem publicada na plataforma do YouTube no canal SBTMS. A análise desta pesquisa se fundamenta no ferramental teórico da semiótica discursiva de A. J. Greimas (1973) e seus desdobramentos a partir dos conceitos da semiótica plástica de J. M. Floch (2001) e das abordagens de A. V. Pietroforte (2019). Essa pesquisa visa depreender os sentidos produzidos no *frame* do vídeo, ancorado pelo título da matéria, observando as relações de homologação que constituem as relações semissimbólicas.

Palavras-chave: Semissimbolismo; Pandemia; COVID-19; Feira livre; *Frame*.

Abstract

The COVID-19 pandemic brought changes to the daily life of the open market. This research seeks to demonstrate that semiotics can optimize the understanding of the effects of the pandemic in the market universe, using aspects of the news framing from a frame or frozen image of the video entitled *Dozens of people are caught without a mask in an open market do Guanandi - (0:07”)*, article published on the YouTube platform on the SBTMS channel. The analysis of this research is based on the theoretical tools of discursive semiotics by A. J. Greimas (1973) and its developments from the concepts of plastic semiotics by J. M. Floch (2001) and the approaches of A.V. Pietroforte (2019). This research aims to understand the meanings produced in the video frame, anchored by the title of the article, observing the homologation relationships that constitute the semi-symbolic relationships.

Keywords: Semi-symbolism; Pandemic; COVID-19; Market; Frame.

Introdução

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGEL/UFMS). E-mail: elainequeirozecqs@gmail.com

² Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGEL/UFMS). E-mail: sueli.silva@ufms.br

Não se tem dúvidas de que a feira livre é um espaço mercadológico criativo, repleto de significação e formação de vínculos que envolve dois sujeitos: cadeia produtiva e comunidade local. Em um ritual disciplinado acordado entre feirantes e fregueses, a feira livre resiste praticamente em seu formato original, estabelecendo interações produtivas, sociabilidade, civilidade e a força do trabalho, ou como elucida Sato (2012, p. 22), uma realidade organizada.

A feira livre, caracterizada por ser um evento socioeconômico cultural de grande importância para os brasileiros, sofreu grandes modificações em sua estrutura com a grave ocorrência da pandemia de COVID-19³. A chegada da problemática de saúde global trouxe para o contexto da feira livre, em muitas cidades no Brasil, alterações nas práticas e no cotidiano dos envolvidos nessa atividade. As feiras necessitaram de uma reconfiguração diante de uma doença ainda desconhecida pela comunidade científica e que apresentava alta letalidade.

Devido ao alto índice de transmissão do novo coronavírus, o SARS-COV-2, em alguns lugares do país, o acontecimento da feira livre requereu por período bastante considerável a interrupção temporária de suas atividades por ser um evento que envolve a aglomeração de pessoas, como pode-se constatar nessas notícias advindas de alguns sites de prefeituras de cidades brasileiras: “*Contra aglomerações e para proteção das pessoas, Prefeitura do Rio impede funcionamento de 27 feiras livres na cidade*” (RIO DE JANEIRO, 2020); “*Para prevenção ao Coronavírus, Prefeitura suspende a realização de feiras livres*” (CUIABÁ, 2020); “*Prefeitura de Upanema suspende "feira livre" por 15 dias em razão da pandemia do novo coronavírus*” (UPANEMA, 2020).

A retomada das atividades culminou na publicação de decretos e resoluções em cada região⁴ no que rege ao funcionamento do comércio, com base nas orientações advindas das instituições de excelência em saúde, visando medidas protetivas para a segurança dos feirantes e da comunidade em geral. Nesse contexto de paralização, alguns

³ COVID-19 é a doença infecciosa causada pelo novo coronavírus, identificado pela primeira vez em dezembro de 2019 em Wuhan, na China.

⁴ Como se pode constatar na resolução SEMADUR N. 40, de 06 de abril de 2020, publicado pela Prefeitura de Campo Grande, a título de amostragem: *Estabelece regras de biossegurança para as Feiras Livres, no âmbito do Município de Campo Grande, conforme Plano de Contenção de Riscos (biossegurança) aprovado pelo Comitê Municipal de Enfrentamento e Prevenção ao COVID-19, e dá outras providências.* Disponível em: <https://diogrande.campogrande.ms.gov.br/download_edicao/eyJjb2RpZ29kaWEiOiI1MDg3In0%3D.pdf> Acesso em: 01 jul 2021.

feirantes se reinventaram rapidamente, inserindo a opção de venda virtual⁵, já outros, pelo pouco conhecimento ou nenhum acesso às redes sociais e aplicativos para promoção e distribuição de seus produtos, não desenvolveram alternativas que pudessem diminuir os impactos em suas vendas.

A regularidade da feira livre sofreu alterações construídas por uma ação imprevisível que mudou os regimes de sentido, ou como elucida Landowski (2014, p. 16) “as regularidades estatísticas que permitem cálculos de probabilidade” não ocorreram, constituindo-se um acidente de percurso no universo da feira livre. Tendo em vista a relevância desse evento na sociedade como um todo, é justificável seu estudo semiótico sob o enfoque das relações semissimbólicas, que coadunam com importantes impressões que possibilitam a percepção das alterações das práticas sociais impostas pelo contexto pandêmico no ambiente urbano e comercial.

A feira livre traz em seu cerne uma prática milenar com uma riqueza de interações que perpassam épocas e gerações, continuando a ser um mecanismo de construção de sentido indestrutível, mesmo embargada pela era nano tecnológica em que as compras através de aplicativos se tornam comuns e padrões consumistas, instalados em edifícios perfeitamente confortáveis com suas extensas linhas de produtos, são projetados para atrair a atenção dos consumidores. A feira livre, como diz Bernardo (2014, p. 24), é “resistência”, um espaço evidentemente democrático, palco fecundo que concentra pessoas de diferentes posições, repertórios e vivências.

Transitando nas questões históricas, a movimentação do comércio das feiras é retratada em diversas escrituras, como a do profeta Ezequiel durante a lamentação sobre a cidade de Tiro: “Társis era a que negociava contigo, por causa da abundância de toda casta de riquezas; com prata, ferro, estanho, e chumbo negociavam em tuas feiras” (BÍBLIA, Ezequiel, 27:12), ou do apóstolo João, quando cita a passagem de Jesus expulsando os vendilhões do Templo de Jerusalém:

[...] e Jesus subiu a Jerusalém. E encontrou no templo os que vendiam bois, e ovelhas, e pombos, e os cambistas assentados. E tendo feito um açoite de cordéis, lançou todos para fora do templo, também os bois e ovelhas; e espalhou o dinheiro dos cambistas, e derrubou as mesas; E disse aos que vendiam pombos: Tirai daqui estes, e não façais da casa de meu Pai casa de comércio. (BÍBLIA, João, 2:13-16)

⁵ *Vendas on-line ajudam produtores a recuperar os prejuízos da pandemia.* Disponível em: <<https://www.canalrural.com.br/noticias/vendas-online-produtores-pandemia/>> Acesso em: 13jun 2021.

Entretanto, a consolidação das feiras e sua importância para a economia no mundo se deu na Idade Média, principalmente na cidade de Champagne, na França, que possuía uma situação geográfica favorável às rotas comerciais.

Formadas nas *oppidas*⁶ as feiras foram iniciadas pelos camponeses e comerciantes que se reuniam em períodos pré-determinados para vender seus excedentes ou trocar por outros produtos, atendendo às questões necessárias à sobrevivência das comunidades locais na Europa do século IX. A feira livre tinha grande importância para além do comércio, pois estavam vinculadas às festividades religiosas e à interrupção das guerras que garantiam algum tempo de paz.

Integrada à vida dos brasileiros, herança lusitana do período colonial, as quitandas ou feiras africanas (GUIMARÃES, 2010, p. 06) funcionavam informalmente como mercados ao ar livre na Praça XV no Rio de Janeiro, comercializando os produtos que chegavam através das embarcações de carga, até que no ano de 1711 foram oficializadas pelo Marquês de Lavradio, vice-rei do Brasil.

Formada em ruas adaptadas na espacialidade de bairros afastados dos grandes centros comerciais, se consolida através de uma rica ambientação com grande circulação dos sentidos. Figurativizada pelas barracas ou tendas improvisadas com caixotes, cavaletes, tábuas de madeira e lona, transformadas em vitrina, oferecem uma gama de mercadorias e demonstram a organização criativa da cultura feirante e suas manifestações. Neste evento cultural e mercadológico, feirantes, fregueses, transeuntes, vendedores ambulantes, flanelinhas, artistas, entre outros actantes se conectam através do senso comum.

A iconicidade em sua espacialidade denota o frescor dos produtos, as cores das frutas e verduras, o cheiro característico da barraca do pastel e dos doces caseiros, a arte de rua, a exposição dos aparelhos eletrônicos e brinquedos, a prosa marcante do feirante entre outras figuras que abrilhantam os dias ensolarados ou não, e que apuram a estesia daqueles que chegam pela primeira vez ou que já frequentam este espaço conduzidos pela semiose cultural.

Por vezes, as feiras livres vivenciam um processo de desinteresse por suas práticas, por serem consideradas antiquadas, obsoletas e estarem em descompasso com as novas formas de economia e comercialização no mundo, sendo desdenhadas a sua importância e a sua contribuição para a totalidade social. Com uma linguagem multimodal

⁶ Povoados, vilarejos

peculiar, a oralidade e a informalidade naturalmente se unem em um contexto afetivo, ampliando as características de uma representatividade social que garante a continuidade da bucólica tradição popular em meio à uma enxurrada de tendências tecnológicas de consumo.

Localização acessível, convivência social, mercadorias diversificadas, qualidade nos produtos hortifrutigranjeiros, atendimento diferenciado, lazer, alimentação típica, entre outros atributos manifestados nos programas narrativos entre os sujeitos, são os objetos de valor no cotidiano deste evento peculiar e sensível.

O universo de cada feira compõe-se pelo adensamento figurativo, as práticas do cotidiano e as interações entre os actantes que formam um percurso de relações ou “práticas semióticas que são os comportamentos mais ou menos programados, orientados para um fim determinado (a priori ou a posteriori), e estereotipados dos homens, analisáveis como “discursos” do mundo natural” (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 325).

Com a pandemia, novos componentes sintáticos e semânticos podem ser apreendidos da narrativa de urgência pública. Feirantes e fregueses, antes afeitos à uma regularidade em suas relações, foram forçosamente levados a buscar novas práticas do cotidiano pelo regime de acidente, a COVID-19 que trouxe riscos à população. O distanciamento entre as barracas instaladas, o uso de máscara obrigatório, disponibilização de álcool em gel, produtos embalados e higienizados congelados ou individualmente separados, cuidados na manipulação de cédulas de dinheiro, entre outras modalizações do fazer, foram alguns dos elementos instituídos que possibilitaram um retorno ao chamado “novo normal⁷” ou um novo regime de programação.

O semissimbolismo na imagem congelada

A feira livre do Bairro Guanandi é um evento que persiste há mais de trinta anos com mais de trezentos comerciantes, ocupando cerca de dois quilômetros de extensão da Rua Barra Mansa, esta que recebia antes da pandemia de coronavírus cerca de quinze mil pessoas aos domingos⁸, dia programado para o atendimento ao público. Em Campo

⁷ A expressão “novo normal” apareceu pela primeira vez em um artigo publicado por economistas, no ano de 2008, na revista Bloomberg, para se referir a superação da crise financeira estadunidense daquele ano. Hoje vem sendo empregada como um conceito para contextualizar o possível cotidiano mundial pós-pandemia. Disponível em: <<https://www.informasus.ufscar.br/novo-normal/>> Acesso em: 13 jun 2021.

⁸ *Dia de Feira: conheça feira quilométrica do bairro Guanandi em Campo Grande*. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/mstv-1edicao/videos/v/dia-de-feira-conheca-feira-quilometrica-do-bairro-guanandi-em-campo-grande/5211493/>> Acesso em: 13 jun 2021.

Grande, nota-se a princípio de que, pela periodicidade das feiras livres, a tradição das barracas, a constância dos consumidores e a programação organizada pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de Campo Grande/MS, para os 57 eventos divididos em 52 bairros da Cidade Morena, a feira livre é de grande importância para o desenvolvimento da economia e da expressão cultural em todas as comunidades envolvidas.

A partir desses contextos axiológicos e ontológicos que envolvem a feira livre, a sociedade e a pandemia de COVID-19, este trabalho pretende desenvolver uma análise semiótica a partir de um de seus desdobramentos, o semissymbolismo. Com base nos conceitos da semiótica plástica de A. J. Greimas (1973), J. M. Floch (2001) e a semiótica visual de A. V. Pietroforte (2019) em uma narrativa pluriplana, utilizaremos aspectos do enquadramento noticioso⁹ a partir de um *frame* ou quadro congelado (*freeze frame*) de uma reportagem que repercute sobre a espacialidade deste tradicional evento da capital sul-mato-grossense, a Feira Livre do Bairro Guanandi, em meio à problemática global do novo coronavírus.

Para objeto de análise, utilizaremos um quadro da *timeline* do vídeo intitulado “Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi” - (0:07”), reportagem de cunho jornalístico, pauta do programa regional *O Povo na TV*, postado na plataforma do YouTube, na data de 25 de maio de 2020, no canal da afiliada SBTMS. O vídeo com 1 minuto e 59 segundos, reporta sobre o cotidiano da feira livre pertencente a um dos bairros mais populosos da Capital Sul-mato-grossense. O conteúdo audiovisual com temática acerca do problema global de pandemia da COVID-19, visa à conscientização em prol da saúde e questiona a postura da população em relação às medidas sanitárias impostas para prevenção da doença que não possui tratamento cientificamente comprovado.

Nos elementos do enquadramento, aleatoriamente elencado e captado do vídeo supracitado e juntamente ancorado à legenda “Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi”, temos um texto sincrético ou, como diz Greimas e Courtés (2020, p. 467), “serão consideradas como sincréticas as semióticas que – como a ópera ou o cinema – acionam várias linguagens de manifestação”, e qual uma análise

⁹ Porto (2002, p. 15) diz que “enquadramentos noticiosos são padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos”.

semiótica permite depreender os sistemas semissimbólicos em uma única unidade de sentido.

Floch (2001, p. 10) diz que a semiótica estuda os fatos da linguagem e se detém em analisar as crenças, as atitudes e os sentimentos de cada sociedade em suas ações linguageiras. Neste recorte, vamos explorar como se articulam os fatos linguísticos e a dimensão figurativa com o enunciado. Consideramos a abordagem da semiótica plástica para otimizar a compreensão dos efeitos causados pela pandemia no universo da feira livre.



Figura 1 - Reportagem *O Povo na TV /SBTMS* - Título: *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*¹⁰¹¹¹²

O Povo na TV é um dos mais tradicionais programas televisivos da região Sul-mato-grossense, em uma conexão muito próxima da população, ao trazer conteúdos variados, envolvendo jornalismo e entretenimento, atingindo todas as classes sociais, mas com maior audiência participativa da classe C. As matérias produzidas pelo programa fazem parte da estratégia para captar a audiência dos enunciatários, tendo em vista a concorrência com outras emissoras que produzem programas com visada popular, conteúdo de narrativa eufórica em conjunção com a realidade das comunidades, em um estilo peculiar como diz Discini (2004, p.337):

[...] como alternativa para ler estilos a possibilidade de, a partir da identificação do *ethos* de uma totalidade, reconstruir o diálogo de vozes

¹⁰ Agradecemos ao jornalista Marcos Roberto Anelo, que gentilmente cedeu as imagens para a realização da presente pesquisa.

¹¹ Diante da garantia de sigilosidade dos participantes da matéria, optou-se pelo borrar das imagens dos participantes de pesquisa.

¹² Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=m7UxRVDqxLA&t=11s>

mostrado intertextualmente, o qual, avançando para além do diálogo constitutivo, pode, ora reproduzir a polémica, ora brincar com ela, ora abafá-la, ora silenciá-la, na contínua ilusão de, pela palavra, sentir-se o sujeito como sujeito.

Conforme Watts (1999, p. 14), produtor e diretor de programas jornalísticos, científicos e de cinema do Reino Unido, um bom programa televisivo constrói uma ideia de ter sido produzido sem esforço, onde tudo se encaixa naturalmente. “Mas não se engane: sua arte é esconder sua arte” (WATTS, 1999, p. 17). Hjelmslev (1975, p. 83) trouxe a lume que alguns dos princípios fundamentais da teoria da linguagem são válidos para todas as ciências e não apenas para a linguística. Nesse sentido é relevante assimilar que a função semiótica, ou a construção do sentido, se processa pela relação de interdependência entre o plano de conteúdo e o plano de expressão:

[...] expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro [...] é impossível existir (a menos que sejam isolados artificialmente) um conteúdo sem expressão e uma expressão sem conteúdo [...] evidentemente, **não se deve confundir ausência de conteúdo com ausência de sentido**: o conteúdo de uma expressão pode perfeitamente ser caracterizado como desprovido de sentido de um ponto de vista qualquer [...] (HJELMSLEV, 1975, p. 54, grifo nosso)

A produção de um conteúdo audiovisual exige um planejamento, um ponto de vista ou “ângulo perfeito” a partir do qual se contará a história, para que de forma estratégica, seja capaz de atrair e entregar ao espectador algum tipo de “experiência” como entretenimento, informação ou distração (WATTS, 1999, p. 14).

Isso remete aos termos do contrato de veridicção entre enunciador e enunciatário, criando um ponto de vista, um efeito de sentido de verdade manifestado no discurso, em que “desse ponto de vista, a produção da verdade corresponde ao exercício de um fazer cognitivo particular, de um *fazer parecer verdadeiro* que se pode chamar, sem nenhuma nuance pejorativa, de fazer persuasivo” (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 531).

Conforme Greimas (1973, p. 11), “o mundo humano se define essencialmente como o mundo da significação. Só pode ser chamado ‘humano’ na medida em que significa alguma coisa”. A linguagem do conteúdo audiovisual possui um aspecto predominantemente *figurativo* e *icônico*, ou seja, tem-se uma representação, uma ilusão referencial e transformadora que das imagens do mundo natural criando um efeito de realidade, um fazer-creer que espera convencer o público-alvo.

O caráter icônico da imagem televisual, que abriga diferentes linguagens no campo da visualidade, faz-se presente também na figuratividade projetada em outros sistemas de significação articulados no audiovisual, como os verbais, tanto visual como sonoro, a música cantada, a gestualidade dos atores do discurso, o figurino [...] (MÉDOLA, 2019, posição 4371)

Nesse contexto há um “jogo de persuasão”, uma construção de sentido que visa “persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite” (FIORIN, 2006, p. 75).

Considerando a imagem ilustrada sob a ótica da semiótica planar, a iconicidade traz um efeito de conotação veridictória relativa de uma cultura feirante e de um processo de produção em comunicação que conduz “o produtor da imagem a se submeter às regras de construção de um “faz de conta” cultural” (GREIMAS; COURTÉS, 2020, p. 254).

Valendo-se das teorias de Saussure apoiadas em Hjelmslev, separando em recortes o plano da expressão do plano de conteúdo, conduziremos a questão da significação tratando do contexto da plasticidade, da disposição das cores, das formas, e como estas categorias compõem esse texto sincrético. Afirma Pietroforte (2019, p. 21) que:

Em muitos textos, categorias do plano de expressão são correlacionadas a categorias do plano de conteúdo, manifestando o que a semiótica chama semissimbolismo. Segundo Saussure, em meio às arbitrariedades do signo, há os sistemas simbólicos, em que há motivações entre o conceito e sua expressão, por exemplo, quando caveiras expressam o conceito de morte. Com base nessas considerações, na semiótica de Greimas, quando categorias da expressão são correlacionadas a categorias do conteúdo, encaminhando a construção de símbolos motivados textualmente, são definidos os sistemas semissimbólicos.

Sendo assim, a análise semissimbólica da imagem congelada, ou *freeze frame*, ou enquadramento noticioso, pode retratar as estratégias inscritas nas formas pluriplanas para alcançar o público-alvo e convencer o sujeito-destinatário sobre um fato social, através de uma figuratividade importante que se coaduna com as informações veridictórias. O enquadramento noticioso está embasado nos postulados da Teoria da Comunicação, nos estudos dos *frames* que elucidam sobre a sistemática dos processos criativos na produção das narrativas audiovisuais. Conforme Gradim (2017, p. 22), o enquadramento pode ser operado em três níveis diferentes como no processo de produção e reprodução de *frames*, nas avaliações qualitativa e quantitativa ligada à *cases* e/ou

centrando nos estudos da interação entre textos para produção de sentido e narrativas comuns e define ainda que:

[...] o enquadramento é apresentado como um “pacote cultural” muito vasto composto por “metáforas, slogans, imagens visuais, apelos morais e outros dispositivos simbólicos”, como ressonâncias culturais, histórias, mitos e crenças populares, que ajudam a fixar junto à opinião pública a interpretação dos factos prevalecente.

Neste *freeze frame* capturado do vídeo, podemos analisar primeiramente as categorias visuais do plano de expressão. Na análise iconográfica da imagem congelada, observamos a figura do repórter usando máscara de proteção, situado em primeiro plano no centro da imagem, demonstrando ao enunciatário que está em um ambiente de feira livre. Segurando um microfone o qual possui a logomarca SBT, relacionado ao símbolo visual da afiliada sul-mato-grossense no canto direito inferior da imagem, confirmam sua identidade como jornalista de uma emissora que possui grande credibilidade do público.

Ao fundo observa-se a figura dos transeuntes fazendo uso ou não da máscara de proteção, e na profundidade da imagem apreende-se uma movimentação figurativa do evento da feira livre: pessoas comendo, barracas coloridas postas lado a lado, produtos para comercialização, o asfalto cinzento em dia ensolarado. Estes elementos do mundo natural possibilitam uma leitura do aspecto material do significante criando um efeito de realidade no texto visual ancorado ao texto verbal. O texto é discursivizado por leitura linear, quando ao passar dos olhos já se constata a homologação entre o plano de conteúdo e plano de expressão.



Figura 2 – Detalhe da iconografia no *frame* 0:07¹³¹⁴

O texto audiovisual forma uma unidade sincrética, ou uma semiótica sincrética, manifestada pela articulação de diferentes linguagens como figuras, sons, cores, movimento etc. Utilizando-se da imagem congelada ancorada ao título do vídeo, isola-se alguns planos desse objeto sincrético, ou pluriplano, como os elementos sonoros advindos do ambiente da feira livre, a locução do repórter e os movimentos de câmera ou trocas de cena. No título, “*Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*”, inscrito na plataforma de *streaming*, observa-se no plano de conteúdo que os actantes “*dezenas de pessoas*” estão em disjunção com o objeto-valor, que no caso é figurativizado pelo lexema “*máscara*” e tematizado pela saúde/prevenção na espacialidade da feira livre, trazendo um enunciado de valoração disfórica na narrativa.

Neste enunciado está *pressuposto* a imposição de uma norma, ou seja, as recomendações de medidas sanitárias impostas pelos órgãos de saúde do Brasil e pela Organização Mundial de Saúde (OMS). O uso da máscara de proteção, que não faz parte dos costumes do povo brasileiro em meio a uma sazonalidade de doenças virais, torna-se essencial para a prevenção por ser um equipamento de proteção individual contra a doença COVID-19, sem tratamento cientificamente comprovado, de rápida incidência e alta letalidade, que surgiu na China em dezembro de 2019.

Como categoria semântica de base, apresentam-se os termos fundamentais, em um processo de maior abstração de sentido, *vida vs. morte* encerrando o percurso *vida/não-vida/morte* pela gravidade da temática de pandemia. O uso de máscara, esta que salva vidas, se encontra recorrente nas narrativas normativas das autoridades, meios de comunicação e dos órgãos responsáveis. O valor *vida* determina o estado *não-vida* para os actantes que estão em desacordo com as medidas sanitárias.

Sendo o programa narrativo ou sintagma elementar da sintaxe narrativa, “um enunciado de fazer que rege um enunciado de estado”, integrando “estados e transformações” (BARROS, 2005, p. 24), tem-se no programa de base do texto elencado, a performance, a realização de uma ação que se mostra pela “representação sintático-semântica desse ato, ou seja, da ação do sujeito com vistas à apropriação dos valores desejados” (BARROS, 2005, p. 29):

¹³ Diante da garantia de sigilidade dos participantes da matéria, optou-se pelo borrar das imagens dos participantes de pesquisa.

¹⁴ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=m7UxRVDqxLA&t=11s>

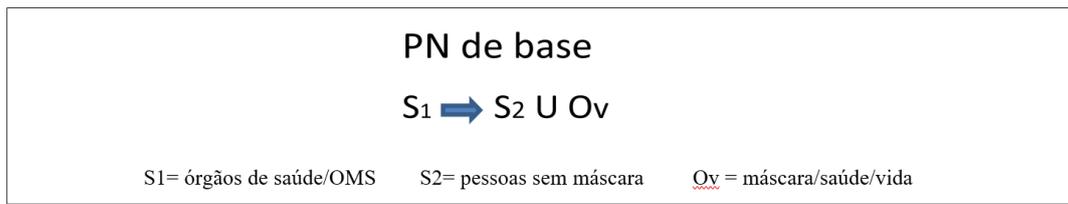


Figura 3 – Fonte: Autoria nossa.

Analisando as categorias plásticas eidéticas, topológicas e cromáticas do plano de expressão que enaltecem a figurativização neste enquadramento ou *freeze frame*, podemos depreender relações em quatro faixas verticais.

Quanto à forma, pode-se descrever a categoria plástica eidética *homogêneo vs. heterogêneo*, pois alguns elementos da imagem possuem contornos distintos e tamanhos diferentes, tanto como elementos simples e homogêneos, tais como o asfalto ou a cobertura de uma barraca de feira. O cromatismo na plasticidade da imagem pode ser definido pela categoria *monocromático vs. policromático*, ao observar elementos característicos do colorido da cultura feirante.

A disposição do repórter em primeiro plano e como personagem principal neste quadro, enfatiza o uso da máscara protetiva em relação aos transeuntes na imagem enquadrada, que está distribuída de forma linear e definida pela articulação em uma relação de *intercalado vs. intercalante*, definindo as relações de semelhança e diferença nas quatro faixas e remetendo a categoria plástica topológica *primeiro plano vs. plano de fundo*.



Figura 3 - Configuração topológica do *frame 0:07* - percurso *vida => não-vida => morte*. O uso da máscara como objeto - SAÚDE/VIDA – o não uso da máscara - DOENÇA/MORTE).¹⁵

O repórter situado na imagem em primeiro plano usa cores sóbrias, monocromáticas, que agregam a ideia de tranquilidade, formalidade, ordem, representando uma *estabilidade* que está em oposição à *instabilidade* do plano de fundo, do qual depreende-se cores quentes, informalidade e um ambiente caótico.

A categoria semântica de base discursiva *saúde vs. doença*, ou mais abstrata *vida vs. morte*, aparecem como que recorrentes nas narrativas normativas dos órgãos de saúde delimitados pela pandemia, de modo que as pessoas com máscara figurativizam a *saúde/vida* e as pessoas que não fazem o uso do equipamento de proteção, a *doença/morte*, podendo estabelecer a seguinte relação semissimbólica: *PE (intercalado vs. intercalante) / PC (vida vs. morte)*.

Plano de Expressão	Categoria eidética Categoria cromática Categoria topológica	<i>homogêneo vs. heterogêneo</i> <i>monocromático vs. policromático</i> <i>intercalado vs. intercalante</i> <i>primeiro plano vs. plano de fundo</i>
Plano do Conteúdo	Fundamental Narrativo Discursivo	<i>vida vs. morte</i> <i>conjunção vs. disjunção</i> <i>estabilidade vs. instabilidade</i> <i>saúde vs. doença (temas)</i>

Figura 4 – Fonte: Autoria nossa

Considerações finais

¹⁵ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=m7UxRVDqxLA&t=11s>

Para sintetizar, nesta análise nos detemos sobre uma imagem congelada, *freeze frame* ou enquadramento noticioso de uma reportagem jornalística ancorada ao seu título no canal do YouTube, possuindo temática acerca da pandemia da COVID-19 na espacialidade da Feira Livre do Guanandi, apresentada e contextualizada a partir de seus conceitos epistemológicos e culturais.

Abordamos sobre o efeito de sentido de verdade manifestado no texto de predominância figurativa e constatamos que estes estão de acordo com o discurso persuasivo do enunciador. Através deste texto sincrético depreendemos a concordância entre as relações semissimbólicas advindas da homologação entre o plano de conteúdo e o plano de expressão, ou seja, os sentidos que decorrem das categorias semânticas e plásticas, conforme diz Pietroforte (2006, p. 08), “ao fazer coincidir o dito com o visto, criam-se correspondências que garantem a objetividade do visto, explicado e confirmado pelo dito”.

Na análise do título da reportagem jornalística, o enunciador traz elementos figurativos que tematizam uma problemática de saúde, o *não uso* da máscara de proteção à COVID-19 no ambiente de uma feira livre, estando pressuposto no plano de conteúdo uma normativa que não está sendo aceita pela população. Diante dos elementos formantes que compõem o plano de expressão, tem-se a homologação com o plano de conteúdo em uma relação de interdependência para produção do sentido. No enquadramento noticioso, ou imagem congelada (*freeze frame*), os sistemas semissimbólicos, como a categoria topológica *primeiro plano vs. plano de fundo*, denotam os efeitos de sentido que foram motivados por uma intencionalidade, no caso, a conscientização através do recurso audiovisual.

O trabalho de estudo de *frames* ou de enquadramentos é uma proposta muito positiva para as pesquisas em semiótica tendo em vista as conexões semissimbólicas que se desdobram do texto audiovisual e suas relações isotópicas, ou seja, pela “recorrência de traços semânticos ao longo do discurso” (FIORIN, 2006, p. 112). A coerência semântica direciona o sentido do que deve ser contratado e creditado pelo enunciatário, e sendo um arquivo digital, não é somente um suporte de material eletrônico distinto de um suporte material visual, “mas dois objetos de escrita diferentes e completos”¹⁶ (FONTANILLE, 2005, p. 08).

¹⁶ Original: [...] *mais bien deux objets d'écriture différents et complets* (FONTANILLE, 2005, p. 8).

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana L. P. Teoria semiótica do texto. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- BERNARDO, J. *Dias de Feira*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- BÍBLIA. *A Bíblia Sagrada*. Publicada por: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Intellectual Reserve, Inc2015.
- CAMPO GRANDE, Prefeitura. *Diogrande*. Diário Oficial de Campo Grande. Edição Extra. Ano XXIII n. 5.891 - 6 de abril de 2020. Resolução SEMADUR N. 40, de 06 de abril de 2020. Disponível em: <https://diogrande.campogrande.ms.gov.br/download_edicao/eyJjb2RpZ29kaWEiOiI1MDg3In0%3D.pdf> Acesso em: 01 jul 2021.
- CUIABÁ, Prefeitura de. Secretaria de Agricultura, Trabalho e Desenvolvimento Econômico. Novas Medidas. *Para prevenção ao Coronavírus, Prefeitura suspende a realização de feiras livres*. Carolina Miranda. 20mar 2020. Disponível em: <<https://www.cuiaba.mt.gov.br/secretarias/agricultura-trabalho-e-desenvolvimento-economico/para-prevencao-ao-coronavirus-prefeitura-suspende-a-realizacao-de-feiras-livres/21553>> Acesso em: 12jun 2021.
- DISCINI, Norma. *O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 14ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- FLOCH, J. M. *Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral* [1985]. Tradução Centro de Pesquisas Sociosemióticas. São Paulo: 2001.
- FONTANILLE, J. *L'Écriture entre support et surface*. Paris: L'Harmattan, 2005. Disponível: <http://www.unilim.fr/pages_perso/jacques.fontanille/articles_pdf/visuel/Ecritssupportsconclusion.pdf> Último acesso em: 13jul 2020.
- GUIMARÃES, Camila A. *A feira livre na celebração da cultura popular*. TCC em Gestão Cultural e Organização De Eventos. USP, 2010. Disponível em: <https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/140-481-1-PB>. Acesso em: 19 ago 2020.
- GRADIM, A. *Para uma leitura semiótica das teorias de framing: reinterpretando o enquadramento com base na categoria peirceana de terceiridade*. Galaxia (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, n. 35, mai-ago, 2017, p. 21-31. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2554127832>. Último acesso em 12 jul 2020.
- GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural* [1966] São Paulo: Cultrix, 1973.
- _____. *Semiótica e ciências sociais* [1976]. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini, São Paulo: Editora Cultrix, 1981).
- _____. & COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. 2ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.
- HJELMSLEV, Louis. Prolegômenos a uma teoria da linguagem. Coleção Estudos. Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- LANDOWSKI, E. *Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido*. Galáxia (São Paulo, Online), n. 27, p. 10-20, jun. 2014.

MÉDOLA, Ana Silvia Lopes Davi. *Televisão: Linguagem e Significação*. 1ª. Ed. Editora Appris, 2019. Edição do Kindle. Parte III. 5735 posições.

OPAS/OMS Brasil. *OPAS disponibiliza em português novo guia da OMS sobre máscaras cirúrgicas e de tecido*. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/>. Último acesso em: 13 jul 2020.

PIETROFORTE, A. V. *Semiótica visual: os percursos do olhar*. 3. ed., 1a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. *O sincretismo entre as semiótica verbal e visual*. Revista Intercâmbio, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

PORTO, Mauro P. *Enquadramentos da mídia e política*. Trabalho apresentado ao XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS. 2002. Último acesso em: 21 out 2020. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/26-encontro-anual-da-anpocs/gt-23/gt09-13/4400-mporto-enquadramentos/file>>. Acesso em 13 jun 2021

RIO DE JANEIRO, Prefeitura do. Secretaria de Saúde. Notícias. *Contra aglomerações e para proteção das pessoas, Prefeitura do Rio impede funcionamento de 27 feiras livres na cidade*. 23abr 2020. Disponível em: <<https://coronavirus.rio/noticias/contra-aglomeracoes-e-para-protecao-das-pessoas-prefeitura-do-rio-impede-funcionamento-de-27-feiras-livres-na-cidade/>> Acesso em: 12jun 2021.

SATO, Leny. *Feira livre: organização, trabalho e sociabilidade*. [S.l: s.n.], 2012.

UPANEMA, Prefeitura de. *Prefeitura de Upanema suspende "feira livre" por 15 dias em razão da pandemia do novo coronavírus*. 20mar 2020. Disponível em: <http://upanema.rn.gov.br/noticiasView/437_Prefeitura-de-Upanema-suspende-Feira-Livre-por-15-dias-em-razao-da-pandemia-do-novo-coronavirus.html> Acesso em: 13jun 2021.

WATTS, Harris. *Direção de Câmera. Um manual de técnicas de vídeo e cinema*. 1ª. ed. São Paulo: Ed. Summus, 1999.

YOUTUBE. Canal SBTMS. *Dezenas de pessoas são flagradas sem máscara em feira livre do Guanandi*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m7UxRVDqxLA>. Último acesso em: 31 out 2020.

Submetido em: 01/07/2021

Aprovado em: 04/01/2022

Como referenciar este artigo:

SILVA, Elaine Cristina de Queiroz; SILVA, Sueli Maria Ramos da. *Pandemia e Feira livre: Uma Abordagem Semissimbólica*. **Revista Linguagem**, São Carlos, v.41, COVID-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2022 p. 113-128.